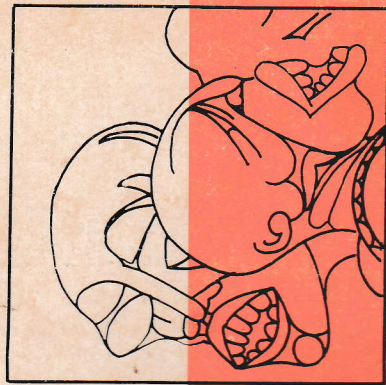


JOSÉ CRAVEIRINHA

XIGUBO



edicoes 70

AUTORES MOÇAMBICANOS

Não tinha história agora tem
a carga inocente que ardeu nas entranhas do monstro
das líquidas florestas vingativas do mar.
Mas
rostos brancos
escuros e morenos
cabelos crespos e lisos
ficaram no mesmo dia terrível do navio encalhado
da mesma cor mitológica das papoilas
e da exacta dimensão integral
da mesma morte saciada
na carga de soldados immanizados
no porão infernal do barco incendiado.



MANIFESTO

Oh!

Meus belos e curtos cabelos crespos
e meus olhos negros como insurrectas
grandes luas de pasmo na noite mais bela
das mais belas noites inesquecíveis das terras do Zambeze.

Como pássaros desconfiados
incorruptos voando com estrelas nas asas meus olhos
enormes de pesadelos e fantasmas estranhos motorizados
e minhas maravilhosas mãos escuras raízes do cosmos
nostálgicas de novos ritos de iniciação
duras da velha rota das canoas das tribos
e belas como carvões de micaisas
na noite das quizumbas.

E minha boca de lábios tumidos
cheios da bela virilidade ímpia de negro
mordendo a nudez lúbrica de um pão
ao som da orgia dos insectos urbanos
apodrecendo na manhã nova
cantando a cega-rega inútil de cigarras obesas.

Oh! E meus belos dentes brancos de marfim espoliado
puros brilhando na minha negra reincarnada face ativa
e no ventre maternal dos campos da nossa indisfrutada colheita
de milho
o cáldo encantamento selvagem da minha pele tropical.

Ah! E meu
corpo flexível como o relâmpago fatal da flecha de caça
e meus ombros lisos de negro da Guiné
e meus músculos tensos e brunidos ao sol das colheitas e da carga
e na capulana austral de um céu intangível
os búzios de gente soprando os velhos sons cabalísticos de África.

Ah!
o fogo
a lua
o suor amadurecendo os milhos
a grande irmã água dos nossos rios moçambicanos
e a púrpura do nascente no gume azul dos seios das montanhas.

Ah, Mãe África no meu rosto escuro de diamante
de belas e largas narinas másculas
frementes haurindo o odor florestal
e as tatuadas bailarinas macondes
nuas
na bárbara maravilha euritmica
das sensuais ancas puras
e no bater unissono dos mil pés descalços.

Oh! E meu peito da tonalidade mais bela do bréu
e no imbondeiro da nossa inaudita esperança gravado
o tótem mais invencível tótem do Mundo
e minha voz estentórea de homem do Tanganica
do Congo, Angola, Moçambique e Senegal.

Ah! Outra vez eu chefe zulo

eu azagaia banto
eu lançador de malefícios contra as insaciáveis
pragas de gafanhotos invasores.

Eu tambor,

Eu suruma

Eu negro suaili

Eu Tchaca

Eu Mahazul e Dingana

Eu Zichacha na confidência dos ossinhos mágicos do tintloho

Eu insubordinada árvore da Munhuana

Eu tocador de presságios nas teclas das timbilas chopes

Eu caçador de leopardos traiçoeiros

Eu xiguito no batuque.

Eu xiguito no batuque.

E nas fronteiras de água do Rovuma ao Incomati

Eu-cidadão dos espíritos das luas

carregadas de anátemas de Moçambique.

Xiguito: dança de guerra.

JAMBUL

I

Jambul
levantou cabeça
levantou mão e vibrou sua azagaia
Jambul cantou últimos hinos de guerra
Jambul cantou últimos hinos do seu povo.
Jambul foi derrotado pelas espingardas
foi derrotado Jambul o primeiro homem
tráfico de Jambul primeiro xibalo
começou!

II

Na cidade
Jambul está varrer lixo
Jambul está limpar alcatifa
Jambul está carregar baldes de machimba
Jambul está carregar pedra

Jambul está carregar vagão
Jambul pisado até lá no fundo
... pisado até lá no fundo do coração em sangue
diz: — «Baietê... Baietê...» — e na sua terra
humilhação de Jambul segundo xibalo
com vassoura na mão
e correntes nos pés
continua.

III

Mãe ficou prenha.
Mãe geme no mundo fechado de mil ferros
Mãe está chorar lágrimas de sangue
Mãe está chorar sangue de sangue escravo
Mãe está chorar mas é «m'pongolo» de uputo fermentando
Mãe está chorar até voltar a nascer
finalmente do ventre fermentado de suor
Jambul o terceiro homem
Jambul o homem da esperança
Jambul azagaia da Redenção.

(1952)

Jambul: Herói das lutas de ocupação que não aceitou o jugo do ocupante em Mocimboque.

MULATA MARGARIDA

Eu tenho uma lirica poesia
nos cinquenta escudos do meu ordenado
que me dão quinze minutos de sinceridade
na cama da mulata que abortou
e pagou à parteira
com o relógio suíço do marinheiro inglês.

Mulata Margarida
da carreira do machimbombo treze
de cabelo desfrizado com ferro e brilhantina
fio de ouro com medalha de um misericordioso
Deus Nosso Senhor do patrão
e tu Joaquim chofer do táxi castanho
sabem que eu sou bom freguês
três dias apenas depois do fim do mês.

E corpo moreno de mulata Margarida
é vestido de nailon que senhor da cantina pagou
é quinhenta de chá
arroz e molho de amendoim
de Zeca Macubana que herdou olhos azuis
das românticas noites
de jazz
nos bares da Rua Araújo
enquanto a cinta elástica suspende
o ovário descaído.

E eu sei poesia
quando levo comigo a pureza
da mulata Margarida
na sua décima quinta blenorragia.

(Maio de 1959)

MAMANÔ!

Voz de mufana
alagou a cidade com seus soluços de acusação
pequeno xipocué a tremer de frio
passou varando a noite algoadoada de cacimba
a alma de órfão de mãe viva
Espezinhada!
Espezinhada!
Espezinhada!
E toda a sina atirada desesperadamente
num grito cheio de vazio como nossa vida:
— «Mamanôô...! Mamanôô...!»

Cidade:
aonde vai o negrinho na noite
perdido na escuridão branca e maldita
(escuridão branca e maldita mil vezes maldita)
embrulhado no quente casaco de lã chamado cacimba
o vapor apitando no frenesi da partida
e os porões pejados de obscuros
filões vivos?

Cidade:

que é do negrinho quase nu
quase nu a chamar — «Mamanôô...! Mamanôô...!»
descalço e solitário comigo
naquela noite fatal de deportação
em que a angústia africana atravessou a ponte-cais
cobriu a cidade de pedra com sua voz
e ninguém a ouviu descabando o silêncio
dos grandes prédios de cimento armado?

Cidade:

aonde está o órfão de mãe ainda viva
quase vestido
quase morto
quase nu

pequeno xipocué chamando na nossa língua

— Ó... Mamanôô...! Ó Mamanôô...!

naquela noite fatal que exportou
duzentos e vinte e cinco homens
e cinquenta e três mulheres
para as roças de S. Tomé?

(1952)

ELEGIA À MINHA AVÓ FANISSE

Fanisse era minha avó
e sombra de canhoiro no caminho de areia
traz recordação de velha capulana de riscado
com amendoim e milho maduro
na machamba de Michafutene
a dois gritos de paragem de camião.

Fanisse nasceu nos meus olhos mulatos
e viveu chicomo na velhice
batata doce castanha de caju
esteira debaixo da mangueira
história de coelho esperto à volta da fogueira
reza essencial em língua de Mahazul
e lua grande no sítio do coração.

Ninguém zangou avó Fanisse
ninguém cuspiu sina de Fanisse
ninguém roubou mandioca
ninguém bateu
ninguém matou Fanisse?